

S E R M O M A M <sup>53</sup>  
D A C I N Z A

PRIMEIRA QVARTA FEIRA

D A

QVARESMA.

P R E E G O V - O 21807

NA CATHEDRAL DE COIMBRA

O P. M. IOAM DE CARVALHO DA

Companhia de IESVS

LENTE DE VESPORA NA SAGRADA THEO-  
logia em o Collegio da mesma Companhia.



DEV-O A ESTAMPA O DOVTOR MANOEL  
Aluares de Medina.

---

EM COIMBRA.

Na Officina de M A N O E L D I A Z  
Impressor da Vniuersidade.

---

Anno M. DC. LXXVII.

Com todas as licenças necessarias.

S E R M A M

DA CINZA

TRIMERA QVARTA TIRA

QVAREMA

CA. CATHEDRAL DE COCUBRA

O. M. I. O. M. D. C. C. L. X. V. I. I. I.

1777

LEITE DE VISORLA NA SERRA DA

locom of Colégio de S. João de S. Paulo



DEVO A ESTAMP. O DOB. R. M. ANTONIO

Alvar. de M. de S. Paulo

EM COLMERA

Na Officia de M. ANTONIO DE ALX

Impressor de S. Paulo

Ano de 1777

Com todos os direitos reservados



*Memento homo, quia pulvis es, & in pulverem reuerteris. Ex Ecclesiastica Ceramon.*



**L**EMBRANÇAS da morte são oje, & costumaõ ser as recommendaçõens deste dia. E não se póde negar que lembranças ha da morte, mas são as lembranças, que a morte tem de nos, & não as que nos temos da morte. Lembra-se a morte

de nós, porque nos esquecemos della, & toda a resaõ pedia, que se trocassẽ as mãos; porque nada perdia a morte, & nos interessauamos muito; a morte nada perdia, bem se deixa ver; pois nada interessa no estrago de nossas vidas; & nós interessauamos muito, porque não interessauamos menos, que o estado da Innocencia. Essa differença vai do estado, que perdemos da Innocencia ao estado, em que nos vemos, da culpa; q̃ no estado da Innocencia se esqueceria a morte dos homens, deixandoos viuer tempo esquecido; & os homens se lembrariaõ da morte, porque ainda que izentos de sua jurisdicãõ, morreriaõ por se ver com Deus na Gloria. E neste estado da culpa lembra-se a morte dos homens, porque os não deixa viuer com sobressaltos continuos; & os homẽs se esquecem da morte, porque não são bastantes seus continuos sobressaltos, para se lembrarem da outra vida.

Pera despertador deste nosso esquecimento foi Providencia Diuina, que a morte se lembrasse tanto de nos, quanto nós nos esquecemos da morte, pera que sua lembrança despertasse nossa cautella. A esse fim nos poem oje a Igreja sobre a cabeça, o pò, & cinza, em que pararemos na sepultura; & não basta essa diligencia para nos meter na cabeça esta lembrança.

Se bem eu acho que a lembrança, que a Igreja de nós pede; não he só do pó, em que seremos desfeitos, mas tambem do pó, de que fomos formados: não he só do que ao depois seremos, mas tambem do que ja temos sido, que isso mais propriamente he acto de memoria, conforme a definição de Aristoteles: *Rei praterita repetita cognitio*. Do passado quer logo a Igreja que nos lembremos tambem: *Memento homo*. Antes se bem advertirmos nas palavras do nosso thema, acharemos que não só pede a Igreja de nos a lembrança do passado, mas tambem a consideração do presente, & o cuidado do futuro: a lembrança do passado na primeira clausula do thema: *Memento homo*; a consideração do presente na segunda: *Quia pulvis es*; & o cuidado do futuro na terceira: *Et in puluerem reuertetis*.

*Arist. de  
paru. nat.  
tur. cap.  
1*

Lembranças do passado pede a Igreja de nós; porque se lançarmos os olhos ao passado, ja agora nos daremos por desfeitos. Que outra cousa foraõ, diz Seneca, aquellas mantilhas, em que em nascendo nos emboluerão, que humas mortallas? De sepultura nos seruió logo entãõ o berço; em que tomamos o primeiro sono: & foy o sono da morte, porque não acabando de despertar, senão aos sete annos (em que pello uso da resão deueramos logo sair em obras de vida) em logrando o uso da resão perdemos a vida da graça; bem nos podemos logo já dar por defuntos, se nos lembramos do passado: *Memento homo*.

Pois se consideramos o presente, não digo eu por defuntos, mas por sepultados nos daremos. Porque que outra cousa he o corpo, que huma sepultura da alma, & sepultura a mais vil, de quantas se mandaram fazer no mundo. E se não perguntado, quem ja mais mandou fazer sua sepultura de tão vis materiaes, como tappa fragil, adobes de terra? Sei eu que Cambyses a mandou fazer de ouro fino, Symiramis de prata, Mausolo de porfidos; de transparente cristal a formauão os Egyptios, de massa aromatica os Syros, & de finos marmores as

vemos.

vemos levantar a cada passo. Só a nossas almas levantou a natureza sepultura de taypa, barro, & terra, que isso he nosso corpo: *Quia pulvis es.* He pó, & terra, & ahi viue a alma enterrada, como em urna de barro, & sepultura de taypa.

Que se segue logo, Senhores, se não tratarmos do futuro? Porque se nos vemos defuntos, não ha que tratar mais, que dos suffragios da alma, que são os officios do corpo presente. Do corpo não ha que tratar, porque por melhor que seja o trato do corpo, ha de vir a parar em cinzas: *Et in puluerem reuerteris.* O trato ha de ser da alma, peia que não venha a parar em chamas; que isso he de temer denotem aquelles cinzas do corpo, he de temer, denotem estas chamas da alma. Eis ahi porque a Igreja nos poem oje as cinzas sobre a cabeça, para que vendo nos o pó, em que se resolverá o corpo, se resolua ja agora a alma. A resolução do corpo será no pó da terra: *Et in puluerem reuerteris;* & a resolução da alma ha de ser no melhoramento da vida: aquella resolução fallaha a natureza, esta ha a de fazer a graça; fará a natureza aquella resolução, porque por effeito da natureza se resolverá o corpo no pó da sepultura; & esta resolução ha a de fazer a graça, porque por força da graça se ha de resolver a alma na emenda da vida. Para esta resolução muita graça he necessaria, peçamola ao Divino Spirito por intercessão da Virgem Immaculada.

AVE MARIA.

*Memento homo, quia pulvis es, & in puluerem reuerteris.*

**T**AÕ engolfados andão os homens no mar desse mundo, que lhes manda oje a Igreja tomar terra, vez em grito brada a estes mareantes Terra, Terra, que he de temer o naufragio? Auemola de tomar com a memória! *Memento homo,* que por isso nola poem a Igreja sobre a cabeça, porque a lem-

brança hade ser do pò ; de que temos sido formados. Sahimos da terra, & auemos de viuer lembrados que a ella auemos de tornar ; porque se a vida do homem he hũa nauegaçõ, como lhe chamou o Philosopho , auemos de voltar á terra, donde sahimos. E assi a lembrança não ha de ser sò da volta, que faremos, mas tambem da sahida, que fizemos ; não ha sò de ser do que ao despois seremos na morte, mas tambem do que temos sido na vida. E que temos sido na vida ? Que ? Pò daquella terra, que Deos amaldiçoou pella culpa : & porque a maldiçaõ não foi menos, que condemnaçõ à morte, bem nos podemos dar por defuntos : que quem estâ condemnado à morte, dà ja por perdida a vida.

Logo que nossos primeiros Pays conheceraõ a culpa, emi que cairaõ, vestiraõ o cilicio, que lhes offereceo a aspersa das folhas da figueira : *Consuerunt sibi folia ficus* ; com tudo pello cilicio lhes vestio Deos a mortalha significada, diz Santo Eucherio, nas pelles dos animaes : *Fecit q̄ Deus Ada, & uxori eius tunicas pelliceas. In tuniceis pelliceis*, diz o Santo Padre, *Mortis est intelligenda conditio*. E pois o cilicio não estava melhor à culpa de nossos primeiros Pays, que a mortalha ? O cilicio os mostraua penitentes, & a mortalha culpados; escusada era logo a mortalha, que o cilicio melhor substituia. Não, diz Santo Eucherio, que o cilicio era habito de penitentes, & a mortalha era alua de condenados: habito de penitentes o cilicio ; porque era remedio da culpa, & alua de condenados a mortalha, porque era effeito da pena : *Morte morietis* ; & quis Deus mostrar que se no cilicio se protestauão penitentes, na mortalha se auiaõ de reconhecer penitenciados ; porque para seu desengano não montaua tanto se mostrassem no cilicio mortificados, quanto na mortalha se reconhecessem ja mortos. Pois para que Adão, & Eua trouxessem sempre na lembrança esse desengano, lhes vestio Deus a mortalha, porque entenderiaõ, & nelles seus descendentes, que no ponto, que foraõ reos da culpa, vestiraõ a alua de condenados : *In tuniceis pelliceis mortis est intelligenda conditio*.

Só dirão ; que se bem nossos primeiros Pays logo que peccarão incorrerão sentença de morte ; com tudo Adão dahi a 900. annos padeceo a execuçaõ da sentença. Direi, he verdade que 900. foraõ os annos , que Adão teve de vida ; porem tantos foraõ os annos , que Adam lutou com a morte ; morreo logo por tantos annos , quantos foraõ os que viveo. E a refaõ he , porque se a luta com a morte he o que propriamente chamamos agonia, cada hora de vida de Adão foi huma agonia por horas; começando pois a luta, ou agonia desda pronunciaçaõ da sentença, ninguem poderá negar, que dahi começou a execuçaõ da morte.

De Christo nosso bem dice o Euangelista S. Marcos que fora crucificado à sexta feita na terceira hora do dia : *Erat autem hora tertia, & crucifixerunt eum.* E S. Ioaõ diz que fora crucificado á sexta hora : *Erat autem Parasceue Pascha hora quasi sexta.* Ia se deixa ver a contradicãõ destes dous textos ; vejaõ agora o mysterio , que decifrou Theophilato, S. Marcos diz que fora Christo crucificado à terceira hora do dia, porque entãõ fora sentenceado á morte : porem S. Ioaõ diz que fora crucificado à sexta hora, porque entãõ foi executada a sentença. S. Marcos respeitou ao tempo, em que a sentença se pronunciou, & S. Ioaõ respeitou ao tempo , em que se executou a morte : *Marcus horam commemoravit, grozou Theophilato, In qua lata est sententia, Ioannes vero horam, in qua se ipsa crucifixus est.* E da S. Marcos por hora da morte a hora da pronunciaçaõ da sentença, porque da pronunciaçaõ da sentença entrou Christo na agonia da morte. E bem se deixa ver , porque se a agonia começou do ponto, em que a luta começou , a luta começou do ponto, em que se a sentença proferio; com refaõ deu logo S. Marcos por executada a morte no ponto , que a sentença foi proferida; porque o dilatarse a execuçaõ , naõ foi mais que prolongarse a agonia: & isso vem a ser em nos a duraçaõ de nossa vida, vem a ser huma permanencia da luta , em que andamos em braços com a morte, que a ser menos prolongada, ser-nos-hia mais breue a agonia.

Mart.

15.

Ioan. 19.

Theophil  
in Ioan.

19.

## II.

**D** Onde venho a infirir que não he mais nossa vida ; que huma morte lenta , & por isso tanto mais penosa , quanto mais prolixa. Qualquer outra morte sera calix amargoso ; mas por amargoso , que seja , he toleravel , porque se leua de hum trago ; porém a morte lenta he calix , que se leua trago a trago , porque imos morrendo por partes , & como vasos de barro imos quebrando pedaço a pedaço. Foi consideração de Santo Athanasio. He o homem arvore , diz o Santo , como bem vio até o cego , a quem Christo nosso bem deu vista : *Video homines velut arbores ambulantes* ; diz agora S. Mattheos que ja o machado está posto ao pé desta arvore : *Iam securis ad radicem arborum posita est*. Este machado accrescenta S. Athanasio , he o da morte : *Arbor est homo , securis est finis hominis*. Notem a resão desta semelhança : vai o machado da morte a repetidos golpes ferindo , & cortando o tronco da arvore , porque vai por partes ferindo , & cortando a vida do homem. Dá hum golpe na infancia , & esse he a primeira , que morte : dá outro golpe na puericia , & essa he a que em segundo lugar acaba : assi vai repetindo os golpes , & cortando a mocidade , a idade varonil , & a velhice ; de maneira que a cada golpe do machado corresponde huma morte no homem , porque vai este morrendo tantas vezes , quantas são as idades , que passa. Donde não vem a ser mais a conseruação de nossa vida , que huma continuação de muitas mortes , porque está cada hum de nós continuamente morrendo , em quanto vive.

E senão dizime : passastes da infancia à puericia , da puericia à mocidade , & dahi à idade varonil : não he assi que todas acabaráo ? Pois assi ha de acabar a velhice , & a idade decrepita , se lá chegares. Morreo a infancia , & de sepultura lhe seruiu a puericia : morreo a puericia , & sepultouse na mocidade , & se esta vai ja acabando , sepultarse ha na velhice , & todas n

Marc. 8

Matth.

3.

D. A-

thanas.

tom. 4.

quest.

quest. 43



fin, em q̄ remetaõ, porque em todas seos principios, & fins saõ a mesma cousa. Nos seis dias da criaçaõ do mundo, diz Santo Agostinho, q̄ se significaraõ as seis idades do homem: *Video enim easdem sex aetates habere similitudinem istorum sex dierum.* Pera-  
 verem a resaõ, notem o modo, com que os dias do mudo começaraõ. Começaraõ os dias do mundo pellas tardes: *Tactumque est vespere, & mane dies vnus. Et factum est vespere, & mane dies secundus.* Notauel caso! Se os dias crecem, & diminuem como o Sol, como naõ começaraõ com seu nascimento? Nasce o Sol pella manhã, & os dias começaõ pella tarde? Pera representarem as idades do homem assi era bem, que começassem; porque como os dias do mundo começaraõ pella tarde, assi as idades do homem começaõ por onde acabaõ; porque primeiro acabaõ, que comessem. Começou o primeiro dia do mundo, & primeiro se viu na tarde, que na manhã: *Tactumque est vespere, & mane dies vnus*: Começou o segundo dia, & primeiro anoiteceu, que amanhecesse: *Et factum est vespere, & mane dies secundus*, & assi os mais; pois assi as idades do homem, ainda naõ rem começado, quando ja se vem acabar. Começa a infancia, a puericia, a mocidade, & o fim de cada huma he o seu principio, porq̄ em principiando fenecem: a tarde he a sua manhã, porque em amanhecendo anoitessem; ou para melhor dizer primeiro anoitessem, que amanheçaõ, porq̄ a tarde he a manhã, por onde começaõ, como os dias da criaçaõ do mundo: *Video enim easdem sex aetates, &c.*

E reparem que sendo primeiro a tarde, que a manhã, a menhaã de cada hum desses dias rematou na tarde do seguinte, porque a manhã do primeiro se seguiu a tarde do segundo; para que entendamos, que como a noite he sepultura do dia, a tarde do dia seguinte foi sepultura do antecedente. E dessa sorte dizia eu, que as idades se sepultaõ umas nas outras, as q̄ acabaõ nas, q̄ começaõ, & as que começaõ nas, que se seguem. Começa a infancia, & como se ve primeiro na tarde, que na manhã, quando chega á manhã se ve sepultada na puericia,

& assi ás demais idades, porq̄ ahi se sepultaõ, onde acabaõ. Veõ de agora, Senhores, como contaes os annos de vida : cõtais por de vida os annos da infancia, os da puericia, & mocidade, & dizeis, q̄ tendes de vida esses annos ? Como os podereis ter, se acabaraõ ?

## III.

**A**Ntes nem de vida foraõ nunca esses annos : naõ foraõ de vida os annos da infancia, porq̄ nelles sò gozastes a vida sensítiva, como os brutos a lograõ : naõ foraõ de vida os annos da puericia, porque imperfeitamente lograstes a vida racional : naõ foraõ de vida os annos da mocidade (que vos tendes pellos melhores annos da vida) porq̄ se foraõ tantas as magoas, as doenças, os trabalhos, & desgostos, que passastes, cõ mais resaõ lhe podeis chamar horas da morte, q̄ annos de vida ; porq̄ annos de tantos pesares, naõ se lograõ, mas sò se sentem ; porq̄ pera o sentimento saõ annos, & pera o logro momentos.

A nosso primeiro Pay Adã deu Moyses no cap. 5. do *Genesis* so 130. annos de vida até o nascimento de Seth. *Vixit autem Adam centum triginta annis, & genuit filium. Vocavit que nomen eius Seth.* Se lerem neste lugar os setenta Interpretes, acharaõ, que tinha Adã passado 230. annos : *Vixit autem Adam ducentis triginta annis.* Pergunto agora, se Adã conforme aos setenta Interpretes tinha passado 230. annos, como diz Moyses que tinha sò viuido 130. E se tinha sò viuido 130. os outros cem, dos duzentos, que lhe dão os setenta Interpretes, porq̄ os naõ viuco ? Foi o caso, diz Vgo Cardeal, que naquelle meyo tempo matara Caim a Abel, cem foraõ os annos, que o bom Pay chorou a morte de tal filho ; pois annos de tanta magoa nam os contou Moyses por annos de vida : *Prætermisit centum annos propter luctum Abel.* Contallos haõ os setenta Interpretes, porque attenderão aos annos, que Adã passara ; porrem Moyses não os conta, porque sò attendeo aos annos que Adã viuera. Os annos, que Adã passara, foraõ 230. porque entre

entre os demais passou os cem annos do sentimento, que teue pella morte de Abel; porem os annos, que viueo, forão sô 130. porque os cem annos do sentimento naõ forão logro da vida; porq̃ como sô seruirão pera a magoa, sentiraõse, mas não se lograraõ? Que he a resaõ porque eu dizia, que se não haõde contar os annos pello tempo, que se sentio, mas pello q̃ se logrou, & como se logre taõ pouco, he mui pouco, o que se viue. E disso quer a Igreja que nos lembremos, porq̃ quer nos não esqueçamos do passado, *Memento homo.*

E já se deixa ver a soluçãõ de huma instancia, que poderia alguem pôr. Porque se nossa lembrança ha de ser do passado, ha de ser lembrança da vida, & não da morte, porque a vida he a que passou. Assim parece a primeira vista; mas por isso mesmo a lembrança será da morte, se nos não esquecermos do passado, porq̃ vida que passou, vida transitoria, não he vida, mais que no nome, & na realidade foi morte. Dame a prova hum sabido texto de S. João aos 14. de seu Apocalipse: *Beati mortui qui in Domino moriuntur.* As mãos está o reparo: Como pôde ser que os mortos tambem morrião? Que morrião os viuos, bẽ o entendo; que isso he morrer, trocar a vida com a morte. Que viuão os mortos, tambem; que isso he resuscitar, trocar a morte com a vida. Mas que os mortos morrião: *Beati mortui, qui in Domino moriuntur?* He que deo o Evangelista por morte esta vida transitoria, & achou que morrião os mortos, quando trocãõ a morte desta vida pella morte da sepultura. Porque se os viuos morrem, quando trocãõ a vida com a morte; & se os mortos viuem, quando trocãõ a morte com a vida; certo he que os mortos morrem, quando trocãõ huma com outra morte, que he a vida transitoria com a morte permanente. Pois por isso eu dizia, que se nos lembramos do passado, não nos esqueceremos da morte, porque vida transitoria, não foi vida mais que no nome, & na realidade foi morte: que he o modo como nos lembraremos da morte, se lançamos os olhos ao passado: *Memento homo.*

Apoca-  
lipf. 14.

## IV.

**V** Eião agora como nem nos esqueceremos da morte, se considerarmos o presente, porque se considerarmos o presente, não tiraremos os olhos de nossa vida, & acharemos, que he o pó, com que a Igreja nos dà de rosto: *Quia pulvis es*: & esta he a morte, de q̄ quer nos não esqueçamos; porque se a vida passada foi morte, que acabou, a vida presente he morte, q̄ continua. O nosso thema o està dizendo: *Memento homo, quia pulvis es, & in pulverem reuertetur*. Fostes pó, porque ja morrestes: sereis pó, porque morrereis: & sois actualmente pò, porque actualmente morreis: de modo que o pò de que fostes formado foi morte, que ja passastes: o pó, em que parareis, serà morte, que aueis de passar; & o pò, que de presente sois: *Quia pulvis es*, he morte, que ides passando: & assi he que estamos continuamente morrendo, porque estamos num passamento continuo. Quando vedes que o amigo, ou conhecido està as portas da morte, costumais dizer que esta em passamento; pois nelle està cada hum de nós, em quanto viue. Passa a infancia, a puericia, a mocidade, & he huma morte cada passamento.

Perguntado hum hora Iacob, que annos tinha de vida, respondeo que de peregrinação tinha 130. *Dies peregrinationis vite meae centum triginta annorum sunt*. Notem, que de vida, não diz que tenha hum só dia, mas só dis que tem 130. annos de peregrinação. Duas sortes ha de peregrinaçoens, huma he dos lugares, & outra dos tempos: a peregrinação dos lugares he passagem de hũa terra pera a outra; & a peregrinação dos tempos he passagem de humia pera outra idade: & ambas estas perégrinaçoens não são mais, que hum passamento continuo, porque com huma se passarão os lugares, & com outra os tempos. Diz pois Iacob, que teus dias forão annos de peregrinação, não porque fossem passagem de huma terra pera a outra, porque toda a vida passara na Palestina, mas porque forão si passamento de huma

humã idade pera a outra. E assi declarou melhor a duração de sua vida, porque mostrou fora mais huma successam de muitas mortes, que dias de vida. E a resam he, porque pera os dias serem de vida, auia esta de ter permanencia, que assi definiu a vida o Philospho: *Est permansio anime vegetatricis cum calore.* Forão logo horas da morte, porque foram huma passagem, ou passamento, nam dos lugares, mas dos tempos, em que Iacob passou toda a vida; porque toda ella esteue num passamento continuo.

Aristot.  
lib. de res  
pi. ut.

E esta parece foi a resam, porque a viuua Thecuitis dice a Dauid que nossa vida era, como a corrente dos rios: *Omnes morimur, & quasi aquae dilabimur:* & por duas resoens, que considero, huma da parte da morte, & outra da nossa parte. A resam da parte da morte he, porque como os rios nam param, mas estam num continuo passamento, assi a morte nam parã, porq̃ he o curso da vida hum passamento continuo. Passa a agua, & seu curso sempre he correndo: mas por mais que corra a agua, nam iguala o curso da vida, porque tal pressa lhe dam as enfermidades, & achaques, que de suas penas forma as azas, com que nam sò corre, mas voa. Eis ahi a resam da parte da morte, porque o curso da vida se compara a corrente da agua: *Omnes morimur, & quasi aqua dilabimur.*

2. Reg.  
14

A resam da nossa parte he, porque a agua, conforme a terras, por onde passa, toma o sabor, que leua: se passa por terras salgadas, nam entra no mar doce, & por isso entra sulphurea, se passa por mineraes de enxofre; & enlodada, se passa por terras apauladas. Pois como a agua ao entrar no mar se acha com as qualidades das terras, por onde passa, dessa sorte o homem ao parar na morte se acha com as qualidades dos costumes, q̃ na vida professou: se sam suaves os costumes, a morte he suave: se he estragada a vida, a morte he defestrada. E a resam he, porque o passamento da morte he conforme o da vida, porque hum, & outro se correspondem: o da vida corresponde a morte, porque vida, que passou enlodada com as asquerosi-

dades dos appetites, como póde parar na morte pura, & limpa? E o da morte corresponde a vida, porque morte, em que vam a parar tantos amargozes dos vicios, como pode ser doce, & suave? Com refam brada logo a Igreja, que nos lembremos do passado: *Memento homo.* E que consideremos o presente: *Quia pulvis es:* porque se a lembrança do que ja passou, confunde nosso descuido: a consideração do que vai passando desperte nosso cuidado,

## V.

**T** Odo este deue ser do curso da vida, que imos fazendo: vai por horas acabando a vida, & isso he ir morrendo, là la dice Socrates que o morrer era acabar o caminho, que fazemos desde as entranhas da Mãe até as da terra: he este caminho como o q̄ fazem os padecentes, quando condenados á morte sahem do carcere, onde foraõ presos, até o lugar, em q̄ seraõ justicados; pois isso he nossa vida. Parece q̄ em proprios termos o dice o Santo Iob: *Semitam, per quam non reuertar, ambulo.* O curso da minha vida, diz o Patriarcha, he como o caminho, q̄ faz hum homem, por onde não ha de voltar. Myste-rioso dizer. E qual he o caminho, q̄ hum homem faz por onde não voltará? He o que faz quando sahe a padecer: pellos me- mos passos da vida chega ao lugar de sua morte, & dahi não ha de voltar, porq̄ ahi será justicado. Pois esse caminho achou Iob, que era o curso de nossa vida; porque das entranhas da Mãe, carcere donde sahimos, imos caminhando pera o lugar, em q̄ daremos o vltimo arranco: ahi parará o caminho, que não auemos de desandar, porq̄ ahi será o termo, em que parará o curso da vida: *Homo enim,* diz Santo Thomas, *in hac mortali vita per ætatis processum tendit ad mortem, neque in hoc processu iteratio esse potest.* Na morte quererá hum homem dar volta á vida, mas será ja tarde; porque na vida auia de ser a volta pera os bõs costumes: quererá na morte desandar os caminhos, por onde se

*D. Thom  
in Iob.  
cap. 16.*

sem perdido, mas ja então naõ serà tempo; porque he breue o instante da morte, pera defandar os caminhos de toda a vida; que como sejaõ caminhos, que faz hum padecente, naõ se tornam a defandar: *Semitam, per quam non reuertar, ambulo.* Bem he logo que como hum padecente faz o caminho da morte, façamos nos o da vida, pois o curso da vida heo caminho, que fazemos pera o lugar do supplicio.

Vistes já, Senhores, sahir a morrer hum padecente? Ou desse limociro de Lisboa, ou dessa cadea da portagem sahe hum padecente a morrer: que assustado vai fazendo seu caminho! Infiado o rosto, os olhos no chaõ, pé ante pé, como attonito dos assombros da morte, pera onde vai caminhando. Sõ dà ouvidos as vozes dos, q̄ lhe vaõ fallando em sua saluação, taõ solícito do bem de sua alma, que se o conuidais, pera q̄ tome hum bocado, com que possa continuar seu caminho; se o toma he cõ as lagrimas nos olhos, lēbrado do amargo trago da morte, que o spera. Ah que assi auiamos de ir fazendo o curso da vida, pois nam he mais, q̄ hum caminho, que fazemos do carcere das entranhas maternas, até o lugar, em que a mesma natureza nos darà garrote. Quem passa os annos da vida sem hum dia tomar hum hora, pera se lembrar de quam desencaminhado anda, bem mostra, que nam attende ao caminho, que vai fazendo pera a morte: que se se lembrara do fim, q̄ o spera, ainda ao tomar hum bocado a sua mesa, meteria o paõ na boca com as lagrimas nos olhos; porque o temor da morte lhe embargaria os cuidados, pera que naõ attendesse a mais, q̄ a saluação de sua alma: sõ dessas materias cuidaria lembrado que cada passo, que da na vida, se vai chegando como padecente ao lugar, em que será justicado.

Quando Samuel mandou vir diante de si a Agag Rey de Amalech, diza sagrada Scriptura, que vinha temendo, & tremendo, com ser hum atorre de carne: *Oblatus est ei Agag pinguis* I. Reg. 15.  
*mus, & tremens.* Valhame Deos, se Agag a todo Israel fazia ro-  
 flo, como teme agora à vista de Samuel? A causa foi, diz Car-  
 thusiano

thusiano, que sabia o Rey o mandava vir Saniuel pera lhe dar o ultimo supplicio, & nesta occasiã o valor, & o temor lutavaõ em seu peito; por huma parte o valor lhe alentava os passos, & por outra o temor lhos enfraquecia; do alento era causa o animo, com q̃ se achava, & da fraqueza o perigo, em que se via. Nesta luta de affectos preualeceo o temor, que lhe fazia dar os passos tiemulos: *Timuit ex formidine mortis*, diz Cathusiano, *que omnium terribilium terribilissimum est*. Bem mostra logo, q̃ nam considera o curso da vida, quem nam teme, & treme à vista do fim, pera onde caminha: dà affeito os passos, por menos considerado, & sua inconsideraçã he a causa de os dar taõ defencaminhados. Desgraça, em que os mais mancebos caem mais de ordinario, porque viuem manos aduertidos do caminho, que vam fazendo.

Os que costumamos acompanhar padecentes, experimentamos, que no caminho, que fazem pera o lugar do supplicio, os mais mancebos costumaõ ir mais assustados. Tem mais que perder pelas esperanças de vida longa, & vellas malograr he fulto, que lhe chega à alma; por isto taõ alienados caminhaõ. q̃ mostraõ bem, naõ tiram o pensamento da morte, a que se vem condenados. Vedes ahi pois, Senhores, como os que sois mais mais mancebos, deueis fazer o caminho de vossa vida sem tirar o pensamento do fim, pera onde ides dando os passos. He o termo, em que vos espera a morte, fuzos a idade crer, q̃ está distante, & he engano; porq̃ os mais mancebos de ordinario saõ os primeiros, que chegã a se ver em braços com a morte.

De todos os filhos de Iacob, senam foi Benjamim, o mais moço era Ioseph, & porelle começou a morte. Esse he o estilo, q̃ guarda: hase co no o amor, & como o odio, *Fortis est ut mors dilectis, dura sicut Infernus emulatio*: do amor toma a escolha, & do odio a violencia; toma do amor a escolha, porq̃ de ordinario escolhe os mais dignos de viuer, estes sam os que cõmumente primeiro morrem. E toma a violencia do odio, porque aos que mais resistem, faz mais força; & como os

Carthus.  
in 1. Reg  
cap. 16.

Cantic. 8



mais velhos resistão menos , nos mancebos faz seu emprego , porque lhe resistem mais. Que de vezes o experimentamos ! Dá huma maligna num mancebo , dá num valente , & leua-o ; dà num velho , dá num debil , & escapa. Os mesmos Medicos dizem , que a resistencia foi causa da morte , porque como foi causa da luta , a luta despertou a violencia ; & a violencia da morte sempre faz maior impressãõ nos , que mais resistem. Resaõ tem logo os mais mancebos , & os mais valentes de caminharem mais assustados esses dias da jornada , que a morte os espera ; porque se aos velhos espera no fim da jornada , aos mais mancebos vem esperar ao caminho : ahi lhes arma as siladas das malignas , dos tabardilhos , das brigas , & desauenças , com que anda sua vida mais arriscada.

## VI.

**A** Bri pois, Fieis, os olhos da cõsideraçãõ, & vede, que não he mais vossa vida , que a jornada , que faz hum padecente do carcere, donde sahe, até o lugar, onde serà justicado. E qual serà o lugar, em que a propria natureza vos darà garrote ? Serà na vossa terra , ou nesta Cidade ? Numa dessas ruas , ou em vossa casa ? Tem lugares certos a Republica , onde costuma justicar culpados , porèm não ha lugar , em que a morte não faça em nos justiça. Deitado na sua cama estaua o Principe Isbofeth dormindo a cesta , & de huma punhalada , dis a sagrada Scriptura , que o assalteou a morte : banqueteadose á mesa estauaõ os filhos de Iob, quando a casa, que os opprimio, lhe seruió de sepultura : sentado na sua cadeira estaua o Sacerdote Heli , & ahi perdeu a vida: Iulio Cesar no Senado: Ioab no templo. Não ha parte , que a morte não faça lugar do supplicio. Pois onde serà o vosso ?

Quis hum hora Ionathas dar a entender a Dauid a morte , que seu Pay Saul lhe machinaua , & despedindo do arco huma seta, mandou a hum pagem, que a fosse buscar. Significaua, diz

Vgo, esta seta a da morte, & por mais que o pagem a buscara a humo, & outra parte, naõ acabaua de dar com ella; porque humas vezes lhe ficaua a hum lado, outras a outro, já atrás das costas, já por deuantte. Aqui bradou Ionathas: *Clamauit Ionathas post tergum pueri Ecce ibi non est sagitta, porro ultra te est.* Como se dícera, naõ está ahi a seta da morte, onde a imaginaes, mas ahi está mais huns passos adiante; porque onde menos o cuidais, ahi está a morte escondida: *Quasi dixerit, geozou Vgo, tua mors, que est sicut sagitta, propinquior est, quam tu existimas.* & assi costumã succeder. Imaginaueis a seta da morte a hum lado, & ficouos ao outro; porque vos acometteo pella parte, de que estaueis mais descuidados: cuidaueis que a tinheis por deuantte, & tal ves ficauos a tras das costas; porque vos assalteo pello dezaestre, que naõ preuistes: pareceo-uos que a tinheis diante dos olhos pella doença perigoza, & preuenistes-uos cõ os Sacramentos, & naõ estaua ahi a seta da morte; mas ahi está mais adiante, *Porro ultra te est;* & assi vemos que muitas vezes, quando o doente melhora, entaõ morre. Que he isto, senaõ mostrar a Diuina Prouidencia, que naõ tem a morte lugar certo.

Pois naõ he menor a incertesa do tempo; grande he a incertesa do lugar, porém a do tempo ainda he maior. Quereis-me dizer, Senhores, qual será o dia, em que se acabará de executar em uos a sentença de morte? Bem sabeis que está já dada, *Puluis es, & in puluerem reuertis*: caminhando, ides pera o lugar, em que se ha de executar. Qual será o dia? Oje, ou a manhaõ? Este anno, ou o que vem? Sabe a justificar hum padecente, & já quando sabe do carcere, sabe pouco mais; ou menos a hora, em que se lhe dará garrõte. E nos himos já pello caminho, sem sabermos hora, nem dias sò sabemos, que quando menos o cuidarmos, nos assalteará a morte. E foi Prouidencia Diuina, peza que sua cautella despertasse a toda a hora nossa vigilancia.

Seneca o deo a entender numas emphaticas palauas: *Non enim*

*enim citamur*, dis o Philosopho, *non enim citamur ex censu*, *sed ex Seneca de posito.* Do censo ao deposito vai ella diversidade, que o censo se paga em certo tempo; & o deposito não tem tempo certo; pagasse o censo na occasião, que os rendimentos se cobraõ, & o deposito se restitue a todõ o tempo, que se pede; não tem o depositario hora, em que esteja certo, que se lhe nam ha de pedir o deposito. Esta he logo a resaõ, dis Seneca, porque somos depositarios da vida, porque não ha de auer tempo, em que nam estejamos pñelles para a restituir, como deposito: nõ tempo presente? & nõ futuro; nõ presente porque se nos pòde pedir a esta hora; & nõ futuro, porque nam ha hora, em que se nos não possa pedir.

Esta he a incertesa do tempo, que compete com a incertesa do lugar; porem a huma, & outra vence a incertesa do modo. Quem sabe o modo como morrerà? Nam sabemos onde, porque ignoramos o lugar; não sabemos quando, porque ignoramos o tempo; & nam sabemos como morrem os, porque ignoramos o modo. Serà de huma maligna, ou de huma balla? Serà por huma teima, ou por hum dezaestre? Sei eu que a Fabio Senador deo garrote hum cabello bebendo hum tarto de leite; o graõsinho de huma passa, que comeo, affogou a Anacreonte; a Druso Pompeo o pedaço de huma maça, que comia; do golpe de huma telha, que de hum telhado lhe caio sobre a cabeça, acabou Cyro; de huma queda, que deo tropeçando no Senado, morreo Quinto Emilio; & Carlos Rey de Navarra, emboluendo-o pera sua saude num lançol molhado em agua ardente, ao cortar o fio, com que o cõstõ, chegaraõ huma vela, & pello fio se ateou o fogo de maneira que ficou alli morto o Rey. Por hum fio anda nossa vida, & que nam vejamos o fio, por onde anda, grande cegueira!

Cegos eram os Poetas gentiõs, & com tudo vjram bem esta verdade, porque deram a entẽder era nossa vida hum fio, que as tres Parcas fiuaõ. Mas pera nosso de sengano, deu melhor proua. As portas da morte se achaua Ezechias, quando

*Isaia* 38 abrindo os olhos vio cortado o fio de sua vida : *Pracisa est velut à texente vita mea, dum adhuc ordier, succidit me.* Vsa da allegoria da tea, em que logo ao ordier quebrou o fio, ou pera melhor dizer, se cortou : *Pracisa est velut à texente vita mea* ; porque quis o Rey mostrar , que não he só fio a vida , mas fio, que humas vezes se quebra , & outras se corta ; quebra-se o fio da vida , quando por fraqueza da natureza, de si acaba ; & cortase, quando por violencia de outrem, se rompe: hum effeito he da fraqueza , & outro da violencia ; porque de huma , & outra sorte se perde a vida , & cada huma de muitos modos ; por effeito da fraqueza , porque são muitos os modos , com q̃ a natureza desfallece ; & por effeito da violencia , porque são muitos mais os modos , com que a força nos atropella. Iusto he logo, que pois himos caminhando pera a morte ; estremeçamos de ver, que nem sabemos o lugar, nem o tempo , nem o modo , com que se romperá este fio de nossa vida.

## VII.

**E** Desta consideraçã nascerà o desuello pera o futuro : todo elle deve ser da resoluçã , em que pararemos na morte : *Memento homo, quia pulvis es, & in puluerem reuerteris.* E se bem o considero, duas são as resoluçoens, em que pararemos na morte : huma resoluçã pertence ao corpo , outra a alma , & ambas a todo o homem. Huma resoluçã pertence ao corpo , porque parará em cinzas ; & outra resoluçã pertence à alma, porque parará. Em que Fieis ? Parará em chamas ? Oh que cuidado demanda esta resoluçã do homem ! Porque se ha de parar o corpo em cinzas , muito he de temer, que a alma pera em chamas. Eu não quero oje tratar da resoluçã do corpo , porque pouco vai que pare em cinzas ; porém que a alma venha a parar em chamas , essa he a resoluçã, que nos deve dar cuidado.

*ferni circumdederunt me, praecipuaerunt me laquei mortis.* Menos bem fundados parecem, dis Santo Agostinho, estes temores de Dauid; porque do descuido da morte era força, que se seguisse a condemnação da alma? Si, diz o Santo Doutor, porque se a morte se antecipa, se antes de hum homem o cuidar, lhe deo garrote: *Praecipuaerunt me laquei mortis*; mal preuenido o deuia achar: & da preuenção da morte depende a vida da alma. He a morte como o Basilisco, se nos ve primeiro, mata-nos; se o anteuemos, matamolo: assi a morte, se nos acha a lerta, he para nós vida: se nos apanha descuidados, he condemnação eterna: *Praeuenerunt me laquei mortis, ut priores nocere possent*, dice o grande Africano. E que ainda assi viuão tantos em tal descuido, que a repetidos auisos naõ despertem do letargo? Repete a morte os auisos pellos repetidos achaques, que diante manda por seus apofentadores, & que ainda assi aja descuidados! Que de a morte com hum enfermo na cama, pera dahi dar com elle na sepultura, & como tronco insensuel, que ainda assi naõ acabe de se persuadir que morre? Oh como he de temer, que nesse tronco se atem as chamas do Inferno! Isso demanda tanto descuido da morte.

D. August. in Psal. 17.

E a refaõ deo S. Bernardo, porque se nos descuidamos da morte, he por attender sò a vida, & ahi estã o risco da saluação da alma; no descuido da morte, porque se naõ he preuenida, he arriscada; & no cuidado da vida, porque se nos leua a attençaõ toda, os mesmos affectos, que nos diuertem os olhos das cinzas do corpo, nos despenharaõ nas chamas, em que se abrazará a alma. Iã dicemos que nossa vida era huma aruore: *Video homines velut arbores ambulantes*: os ramos desta aruore, accrelecenta S. Bernardo, saõ nossos affectos, *Rami nostri desideria nostrasunt*: diz pois o Baptista por S. Lucas, que ja o machado estã posto ao pè desta aruore: *Iam securis ad radicem arborum posita est*; perto estã logo a aruore de cair, porque quando o haurador pera cortar alguma aruore, amedando de huma, & outra parte os golpes do machado, vai enfraquecendo

D. Bernard. Serm. 6.

o tronco, perto está de arruinar. Toda a duvida he só, pera onde cairá. Desta duvida, nos tira o Santo Abbade. Vede, diz Bernardo, pera onde fazem seu pendor os ramos, porque pera lá ha de fei a queda; & a experiencia o mostra: *Vnde pon- detur tota est ramus in seculum ne dubita.* Que foi dizer, he aruore no sarruida, seos ramos são nossos affectos; pois pera onde fizerem pendor os ramos, pera ahi cairá a aruore. Se os ramos dos affectos fazem pendor pera o Inferno, pera lá cairá sem duvida a ruore, porque pera lá ha de leuanto pendor dos ramos, por dos affectos; que se se cortarão em vida; nunca pe- ra la seria a queda na morte; mas porque deixais crescer esses ramos, sem cortar por esses affectos; como pera lá fazem seu pendor na vida, pera lá se irá na morte a queda: & os ramos, por os affectos, que são a causa pera a ruina, & destruição de ceuõ para a fagueira: *Job. 1. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31.*

E que não vejaõ os homens estas consequências? Sinal he de sua cegueira; fechalhe o Mundo os olhos, pera que não vejaõ estes defengãos: *Vemcate no fogo tantas fagueiras, aruores, que por infructuosas, manda cortar o Pay de familias,* *Luc. 13.* pera dar com ellas nas chamas, *Succide illam, Ad comburendum,* accrescenta Santo Agostinho; & que não tratem de cortar por ramos viciosos, ou por viciosos affectos? A gritos da natureza bradava a mesma experiencia, que tudo o deste mundo, não he mais, que pó, & cinzas; & tudo o do outro mundo, ou são glorias, ou chamas; & que não vejaõ os defengãos; que com as proprias mãos apalpaõ, nem ouçaõ a sentença, que nelles manda executar a Divina Iusticia: *Memento homo, quia pulvis es, & in puluerem reuertaris.*

VIII.

**O**Ra pois, Bieis, por onde andaõ na vida vagueando vossos olhos? Que attendem vossos ouvidos? Se Deus, nesta hora, tirada das campãs d'essas sepulturas desta Cathedral, vos mostrara aos olhos, quantos nella jazem sepultados, tantos Prelades, quantas Dignidades, e tantos Conegos, tantos Cidadãos desta Cidade, que asõmbrosos vos causaria ver, que em tantas cinzas pararaõ tantas vaidades? Pois se Deus vos mostrara as almas! De erer he que muitas estaõ na gloria, mas tambem he de temer que algumas pararaõ nas chamas do Inferno. Ouvi ja agora seus gemidos, pera que os não vades ouvir na morte: estaõ sem duvida lamentando, que David mais a tempo: *Dolores Inferni circumdederunt me, & occupaverunt me laquei mortis.* Ah que nos não lembramos das cinzas, em que veyo a se desfazer o corpo, & mecos das ommas, em que veyo a parar a alma! Na vida deçera ser essa lembrança. Eassi he, que na morte sera ja tarde: entaõ vereis, o que não quareis ver agora; trocarse hãõ entaõ as mãos, & os que agora viucis raõ esquecidos do que fostes em vossa vida, entaõ vos dara garrote a lembrança do que tendes sido. Os que agora viucis mais descuidados do futuro, com esse cuidado atravessado na garganta acabareis entaõ a vida. Attendereis ao presente, pera ajustar as contas, mas à luz daquella candeia, que vos meteraõ na mão, achareis as contas erradas, porque entaõ conhecereis os erros de vossa vida. Não sei, se vereis naquella hora, quem vos meta nas mãos hum Santo Crucifixo, agora he o tempo de vos abraçares com elle, & pedi lhe huma boa morte.

Psalm. 17.

Amorossissimo IESVS, pella morte, que padecestes; vos pedimos huma boa morte: tres horas agonizastes na Cruz

Cruz, foi a agonia luta ; & pera vencerdes a morte ; du-  
rou a luta tres horas : bem era que ja de agora começaf-  
se nossa agonia , & pera assegurarmos a victoria , ainda a  
prevenção seria pouco anticipada. Ia de agora pomos nos-  
sas almas em vossas mãos , pera que não cayaõ nas do De-  
monio ; tendeas, bõm I E S V S, da vossa mão , & muito  
em particular naquella hora ; hora, de que pende toda  
huma eternidade , ou de penas , ou de gloria. *Quam mi-  
hi , & vobis , &c.*

## LAVS DEO.



Amorõssimo I E S V S, bellamente , que pedecellis,  
pedimot hanc pot morte : per hanc agonizatis na  
Cruz